

**ERA UMA VEZ
FLAMENGO**

AMOS

ANDRÉ SALVIANO
ORGANIZADOR

ERA UMA VEZ FLAMENGO



**VINTE E DOIS CONTOS EM
VERMELHO E PRETO**



Rio de Janeiro, 2025

*Amo o Flamengo como se fosse um pedaço
da terra onde nasci.*
José Lins do Rego

Minha única vaidade é ver o Flamengo vencer.
Ronaldo Angelim

SUMÁRIO

CRÉDITOS	4
APRESENTAÇÃO	11
PREFÁCIO	
CONTO CONTIGO, MENGÃO.	15
GÁVEA, 1969 <i>SÉRGIO RODRIGUES</i>	17
ADEUS, POPEYE <i>ANDRÉ SALVIANO</i>	21
PAPAGAIOS & URUBUS <i>BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA</i>	29
PAIXÃO CLANDESTINA <i>DANIELLE SCHLOSSAREK</i>	46
PEREBA <i>RAPHAEL VIDAL</i>	52
O MURO <i>FLAVIO IZHAKI</i>	55
O DIA DO JOGO <i>TIAGO VELASCO</i>	66

O VELHO E O SUPERMERCADO <i>MARCELO DUNLOP</i>	73
UMA CAUSA POSSÍVEL <i>PAULA GICOVATE</i>	78
E AÍ, QUAL FOI O TEU PRIMEIRO JOGO? <i>ROMULO NARDUCCI</i>	84
A PAIXÃO DE ODILON <i>RODRIGO SANTOS</i>	91
DEFESA <i>CECILIA GIANNETTI</i>	100
DESEQUILIBRADOS <i>MANU DA CUÍCA</i>	104
AQUELA COM TRÊS LISTRAS <i>CAROLINA WALLITER</i>	107
O MANTO <i>HENRIQUE RODRIGUES</i>	114
ACIMA DE TUDO, RUBRO-NEGRO <i>JULIO LUDEMIR</i>	117
DESGOSTO PROFUNDO <i>JEOVANNA VIEIRA</i>	120
GOL DE QUEM? <i>SIMONE MOTA</i>	128

BEM AMIGOS <i>CARLOS EDUARDO PEREIRA</i>	132
MELHORES MOMENTOS <i>LEONARDO VILLA-FORTE</i>	138
DONA CASEMIRA <i>MARCO ANTONIO MARTIRE</i>	158
NA RAÇA <i>JESSÉ ANDARILHO</i>	161
MINIBIOS	167

AMOSTRA

APRESENTAÇÃO

Em um domingo, no dia 29 de novembro de 1987, eu pisava pela primeira vez no Maracanã. Três dias antes, eu completara 9 anos de idade. Morava em Nova Iguaçu, onde fui nascido e criado, e coube a um amigo da família, sem que meu pai soubesse, me levar ao Maior do Mundo. Infelizmente, já não está mais entre nós. Descanse em paz, Jorge, e obrigado pela minha estreia. Aquele Flamengo era uma seleção: Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton e Zico; Renato Gaúcho, Bebeto e Zinho. Apesar de termos esse timaço, o adversário era o favorito, por conta da campanha até ali, e por isso tinha a vantagem de dois resultados iguais nas semifinais. Mas o jogo foi bom pra gente. Lembro da emoção de ver naquele Maracanã lotado, com mais de 118 mil pessoas, a escalação do Galinho de Quintino sendo anunciada no placar eletrônico da época, fazendo sua assinatura e terminando com o número 10. Aos 33 do segundo tempo, Bebeto, com assistência de Zico, deslocava o João Leite e mudava a vantagem de lado. O tetracampeonato brasileiro conquistado pelo Flamengo em 87 foi o primeiro título que pude viver de fato, e acompanhar, do meu time de coração. Mas morando longe e de família humilde, eu só voltei ao Maracanã, e de maneira mui esporádica, nos anos 1990 e início dos 2000. Mas a relação com o time do coração era inabalável, e acompanhada muitas vezes pela Rádio Globo na voz do Garotinho, onde imaginar o que se passava por meio da acalorada narração era um delicioso exercício de fabulação. Felizmente, de 2006 para cá, o Maraca virou uma prazerosa rotina.

Outra paixão que tenho na vida é a literatura, e foi circulando e participando da cena literária carioca que percebi algo deveras interessante: a quantidade de bons escritores que estão fazendo a literatura brasileira contemporânea — alguns, inclusive, publicando por grandes editoras — e que compartilham a mesma paixão que eu: O Mais Querido! Então, em 2019, com o Flamengo tendo apenas um título da Libertadores da América, entre um lançamento e outro que ia frequentando, tive a ideia de juntar essa galera e fazer um livro de contos onde pudéssemos trabalhar esse afeto através daquilo que também muito nos apraz: produzir ficção.

Só que 2020 jogou um balde de água fria nos projetos de muita gente, e eu não passei incólume, não conseguia pensar em mais nada que não fosse sobreviver. A ideia ficou na gaveta, até que, no final de 2022, dois títulos da Libertadores depois, decidi que era hora de botar o time em campo.

Somos 22 autores, com diferentes vivências, idades, gêneros e maneiras de fazer literatura. Todos tiveram total liberdade para escolher como colocariam no papel uma representação ficcional, apesar de calcada no real, do nosso Flamengo. Essa não é uma antologia direcionada (falar sobre determinado título ou episódio predefinido pelo organizador), e o resultado foi um conjunto rico e diverso do que representa o clube da Gávea, entre afetos e desilusões. E como curiosidade, surgem diante da leitura as preferências geracionais, com alguns temas sendo mais mencionados que outros, mas sempre de uma maneira mui particular e subjetiva.

Agradeço a dois escritores, grandes rubro-negros, que tanto admiro e que ajudam a abrilhantar esta antologia com textos de orelha e quarta capa: os queridos Alberto Mussa e Ruy Castro.

Agradeço ao Arthur Muhlenberg, torcedor ilustre e cronista sagaz, pelo texto-convite que faz ao leitor com seu prefácio.

Agradeço ao meu pai, Enio, por ter me legado essa herança. E aos tantos amigos de arquibancada que personalizarei na figura de dois com os quais estive junto em muitos jogos e finais, mas em especial, nos últimos quatro títulos da Copa do Brasil: 2006, 2013, 2022 e 2024: Leonardo Méliga e Adalto Benevenuto. Que venham outras finais.

E ao Zico, por encarnar em si o inefável de representar o Flamengo como nenhum outro.

André Salviano
Organizador

AMOSTRA

PREFÁCIO

CONTO CONTIGO, MENGÃO.

Se fosse só futebol, poderíamos dizer que o romance está para o campeonato de pontos corridos assim como o conto está para o mata-mata. As narrativas breves e concisas sobre um só conflito em um espaço de tempo determinado e geralmente rolando em um só local habitam a mesma dimensão rítmica dos jogos decisivos. Os jogos de vida ou morte comungam com os contos a tensão, o ritmo acelerado e o que mais as assemelha às partidas capitais: a urgência pelo fim.

O conto é o campo dos aflitos, dos desesperados por soluções e desenlaces surpreendentes. A noção de fim é a sua espinha, seu vórtex, que a ele converge magnetizado. Entre todas as modalidades narrativas, nenhuma outra é tão flamenga. Nos 22 contos aqui publicados, a raça, o amor e a paixão que as arquibancadas rubro-negras exigem de quem enverga o Manto Sagrado dentro das quatro linhas se apresentam nas mais diversas linguagens.

Assim como o Flamengo, os contos reunidos neste volume surpreendem, mesmo quando giram em torno de histórias já muitas vezes contadas e cujo final todos conhecemos. A ação do observador altera o comportamento do objeto observado. O mesmo fato visto por muitas câmeras, decupado em diferentes ângulos, filtrado por olhos de origens muito diversas, se torna um novo fato. A única permanência é o Flamengo.

O universo Flamengo no qual estes contos acontecem é vasto e ao mesmo tempo particular. Ora é o Flamengo acolhedor que se deixa amar, ora é o Flamengo tirano e opressor que não concede

espaço para outros afetos. Às vezes pai, outras padrasto, mas sempre dominante e avassalador, o Flamengo do qual não se pode escapar. A imensa força gravitacional exercida pela entidade vermelho e preta é o princípio causador de todos os fenômenos emocionais. O Flamengo que emerge de *Era uma vez: Flamengo* é a usina que gera o amor, a amizade, a fraternidade, a compaixão, a malandragem, o desprezo e até o ódio. Mas nunca a indiferença.

Arthur Muhlenberg

AMOSTRA

GÁVEA, 1969

SÉRGIO RODRIGUES

No primeiro dia eu fiquei só olhando o treino, sentado na cadeira ao lado do campo enquanto o meu irmão cuidava do trabalho dele na piscina, nos vestiários e onde mais fosse — eu não sabia bem por onde ele circulava nem o que fazia exatamente naquele uniforme, uma roupa cinza que parecia de zelador. Nas vezes que perguntei, o meu irmão riu e disse que cuidava dos troféus, que aquelas belezocas precisavam ser polidas com força todo dia, senão, já viu, enferrujavam, perdiam o brilho. Acho que ele estava meio que brincando, mas a verdade é que eu não pensava muito nisso. Só queria saber do outro uniforme, aquele que era o contrário de cinza com suas listras horizontais alternadas, vermelha, preta, vermelha, preta.

O trato com o meu irmão era, em primeiro lugar, que eu não enchesse o saco, e em segundo que eu me distraísse com o treino do pessoal da minha idade no infantojuvenil até dar a hora dele me pegar e a gente voltar junto pra casa na Cruzada, ali perto — meu irmão de vinte anos responsável pelo caçula de quinze, a mãe trabalhando fora pra voltar só de noite, o pai sumido no mundo.

No primeiro dia em que eu fiquei olhando o treino sentado lá, aqueles dois me chamaram a atenção de cara: o branquelo mirrado narigudo que parecia criança, pernas de vareta com um chumaço ruço na cabeça, e o preto alto forte. Chamar a atenção é pouco, eu não conseguia enxergar ninguém no campo além daqueles dois, os outros garotos uma massa de coitados, quase uns perebas em

comparação com a dupla engraçada. Digo engraçada por causa da diferença de tamanho e cor de pele, mas também pelas jogadas que eles inventavam, umas trapaças e arapucas de tempo espichado e espaço encolhido ou vice-versa, fazendo o marcador se estabacar no gramado ou ficar girando que nem pião no mesmo lugar até o fim dos tempos.

Aqueles lances que o menino louro e o menino negro armavam sem nem se olharem, como se um fosse capaz de pensar o que o outro pensava, pensar com a cabeça do outro, aquilo me lembrava alguma coisa que no começo eu não soube o que era, mas, de repente, entendi — me lembrava Tom e Jerry, Pernalonga, Bip-Bip, os desenhos que eu gostava de ver desde pequeno na Philco de treze polegadas lá de casa, no programa do Capitão Aza ou do Capitão Furacão. O futebol que aqueles dois jogavam era de desenho animado, e quando eu saquei isso fiquei rindo um bom tempo sozinho, feliz com a minha esperteza. A diferença é que na televisão era tudo preto e branco, e ali as cores batiam no olho com força, o marrom da cara sorridente de um, a palha amarela do cabelo do outro, o vermelho das camisas suadas pondo fogo na grama verde.

Nessa época eu sonhava em ser astronauta. O projeto Apollo era muito falado nos jornais e na televisão, e eu tinha certeza que, viajando até a lua, tudo ia mudar pra melhor na minha vida, eu ia ficar tão rico que o meu irmão não precisaria mais polir troféus e quem sabe privadas naquele uniforme cinza horroroso, nem a minha mãe ia ter que cozinhar e fazer faxina na casa dos outros. Até aqueles dias, vinha sendo esse o meu sonho principal, mas na beira do campo da Gávea comecei a ter outras ideias.

Primeiro fiquei na minha, só matutando pra amadurecer esses planos, que no começo eram esfumaçados: dali do meu posto de observação, bunda pregada na cadeira, tratei de prestar cada vez

mais atenção no que faziam o galalau negro e o moleque louro, mas só no fim da segunda semana me dei conta de repente, num susto, de uma coisa incrível que parecia ser o segredo daqueles dois, do entendimento telepático que eles tinham em campo. Fiquei eufórico e atordoado: eu não era burro, podia ter muitos defeitos, ser um estorvo pra minha mãe e pro meu irmão, mas burro-burro não era. Por que, então, a demora em entender que aqueles dois se comunicavam por cima das cabeças dos adversários e companheiros numa linguagem musical que era só deles? Prestei atenção em dobro pra confirmar, não tinha dúvida nenhuma, era um código secreto. O garoto negro jogava assoviando.

Quando o meu irmão veio me buscar no fim daquele dia, eu estava tão excitado com a descoberta que quase ia contando tudo pra ele, mas aí aconteceu uma coisa estranha, foi como se uma mão invisível tapasse a minha boca no último segundo. Acabei calando o bico, ainda bem, e mais tarde entendi: o pacto estava selado. Foi assim que começamos — o assoviador, o ruço e eu — a ser um trio.

Oi, eu sou o Geraldo, veio o assoviador se apresentar no dia seguinte. Reparei que você tá aqui todo dia, deve conhecer o jogo da gente melhor do que a gente mesmo, falou, caindo na risada. E sem cerimônia nenhuma foi me puxando da cadeira: Vem que eu vou te apresentar o meu amigo Arthur, ele também já sacou que você é um dos nossos.

Arthur é o lourinho?, perguntei.

É, disse o Geraldo. Mas ninguém chama ele de Arthur.

Ah, não?

Só que não deu tempo dele explicar como o Arthur era chamado, porque o treinador apitou e de repente éramos nós três jogando juntos. E dando show.

Reparei que eu também estava de vermelho e preto, não sei como aquela camisa tinha ido parar no meu corpo. Notei ainda que eu entendia muito bem o sentido profundo dos gorjeios do Geraldo, antecipava o desenho das jogadas e trocava passes com ele e com o Arthur como se sempre tivesse sido um deles. Meu corpo não tinha peso: eu flutuava. Lembrei de uma imagem da televisão, o Neil Armstrong boiando no espaço do lado de fora da espaçonave, eu me sentia exatamente assim. Foi então que desisti de vez da carreira de astronauta pra abraçar a de craque do Flamengo. Entendi que, pela primeira vez na vida, eu estava no lugar certo na hora certíssima, o melhor lugar do universo no melhor momento da história e eu ali, testemunha de uma glória futura que mal começava a raiar e que, quando pudesse ser vista inteira, ia ser maior que o infinito.

Como eu sabia disso? Não tenho ideia de como eu sabia disso. Só sei que dei passe de trivela pra gol, mandei de bicicleta um petardo no ângulo, obrigando o goleiro a fazer uma defesa impossível que puta que pariu, chapelei três beques em sequência antes de inventar uma tabela diabólica com o Arthur que terminou com o Geraldo se lançando à frente rumo ao futuro, dessa vez gritando, em vez de assoviar: Lança, Zico! Lança, Zico!

Então é esse o nome do lourinho, pensei, e aí tudo degringolou. O menino negro saiu pela linha de fundo e foi indo, foi indo até sumir de vista, engolido pela escuridão, e o Zico ficou triste no meio do campo, pé direito em cima da bola, absolutamente sozinho. Uma noite fria tinha desabado sobre a Gávea. Meu irmão apareceu de uniforme cinza e primeiro se assustou, depois me deu um esporro porque eu tinha escorregado pra fora da cadeira de rodas e estava deitado na grama de barriga pra cima vendo a lua em forma de bola, toda vermelha do sol poente, subir em câmera lenta no céu preto.